

EDUCAÇÃO PARA MORTE NAS ESCOLAS: UM DIÁLOGO POSSÍVEL?

EDUCATION FOR DEATH IN SCHOOLS: A POSSIBLE DIALOGUE?

EDUCACIÓN SOBRE LA MUERTE EN LAS ESCUELAS: ¿ UN POSIBLE DIÁLOGO?

 Amanda Selhorst da Silva ¹ e  Fernanda Gomes Lopes ²

RESUMO

A escola, enquanto espaço fundamental de formação integral e fortalecimento dos laços sociais, enfrenta desafios significativos na abordagem da morte. Inseparável do desenvolvimento humano, a morte se manifesta desde a infância e acompanha todo o ciclo vital. Este ensaio teórico visa discutir a importância da educação sobre a morte no ambiente escolar. Como metodologia utilizou-se o ensaio teórico, que propiciou a construção de uma análise crítica, a partir de uma exposição argumentativa e reflexiva. Notou-se que há uma escassez na produção científica desse tema. Concluímos que, embora crianças e adolescentes possuam capacidade para lidar com a temática, o ambiente escolar permanece, ainda, despreparado para promover discussões abertas sobre a morte. Ao reconhecer e abraçar seu papel como espaço de formação integral, a escola pode se tornar um agente transformador, preparando jovens não apenas para a vida, mas também para a aceitação da finitude como parte inerente da condição humana.

Descritores: *Morte; Educação; Infância.*

ABSTRACT

Schools, as a fundamental space for comprehensive education and strengthening social ties, face significant challenges in addressing death. Death is inseparable from human development and manifests itself from childhood onwards and accompanies the entire life cycle. This theoretical essay aims to discuss the importance of education about death in the school environment. The methodology used was a theoretical essay, which enabled the construction of a critical analysis based on an argumentative and reflective exposition. It was noted that there is a shortage of scientific production on this topic. We conclude that, although children and adolescents have the capacity to deal with the topic, the school environment remains unprepared to promote open discussions about death. By recognizing and embracing its role as a space for comprehensive education, schools can become agents of transformation, preparing young people not only for life, but also for the acceptance of finitude as an inherent part of the human condition.

Keywords: *Death; Education; Childhood.*

RESUMEN

La escuela, como espacio fundamental para la formación integral y el fortalecimiento de los vínculos sociales, enfrenta importantes desafíos en el abordaje de la muerte. Inseparable del desarrollo humano, la muerte se manifiesta desde la infancia y acompaña todo el ciclo vital. Este ensayo teórico tiene como objetivo discutir la importancia de la educación sobre la muerte en el ambiente escolar. Se utilizó como metodología el ensayo teórico, que permitió la construcción de un análisis crítico, a partir de una exposición argumentativa y reflexiva. Se observó que existe escasez de producción científica sobre este tema. Concluimos que, aunque niños y adolescentes tienen capacidad para abordar el tema, el ambiente escolar aún no está preparado para promover discusiones abiertas sobre la muerte. Al reconocer y abrazar su papel como espacio de formación integral, la escuela puede convertirse en un agente transformador, preparando a los jóvenes no sólo para la vida, sino también para la aceptación de la finitud como parte inherente de la condición humana.

Descriptores: *Muerte; Educación; Infancia.*

INTRODUÇÃO

Embora o século XX tenha tentado silenciar a morte, transformando-a em um tema tabu, o desenvolvimento das telecomunicações nesse período e no início do século XXI a trouxe de volta ao cotidiano das pessoas¹. Portanto, ao mesmo tempo que se evita

1 Centro Universitário Farias Brito. Fortaleza/CE - Brasil. 

2 Centro Universitário Farias Brito. Fortaleza/CE - Brasil. 

falar desse tema, mantendo o silêncio a fim de evitar o sofrimento, vive-se cotidianamente ao seu lado. Assim, em meio a um bombardeio diário de imagens de violência, acidentes, doenças e morte, crianças e adolescentes vivenciam um paradoxo: a realidade da morte presente em suas vidas contrasta com o silêncio que a envolve, numa tentativa de poupá-los do sofrimento que a discussão pode gerar.

Quebrando o silêncio imposto pela sociedade moderna, emerge a necessidade de repensar o papel da escola na formação integral do indivíduo. Se, por um lado, a família é o primeiro espaço de socialização, a escola se configura como um segundo ambiente essencial nesse processo. Frequentemente descrita como um lugar de segurança e afeto para a criança, a escola desempenha um papel fundamental na mediação das informações da realidade². Nesse sentido, esse espaço formativo ocupa uma parte significativa do tempo do indivíduo, e a maneira como as interações ocorrem entre seus membros pode facilitar ou dificultar a elaboração de diversos processos de desenvolvimento, incluindo a vivência do luto. Sendo assim, considerando o luto como uma vivência decorrente do rompimento de vínculos³, qual a importância de se analisar essa temática dentro do ambiente escolar?

A discussão desse tema nas escolas é essencial, mas, conforme Kovács⁴, é frequentemente negligenciada devido à falta de preparo dos educadores. Pode-se citar como um exemplo para lidar com essa lacuna, a parceria feita entre as escolas e o Instituto de Psicologia da USP, através do Laboratório de Estudos sobre a Morte, a fim de propor atividades pedagógicas, espaços de treinamento, bibliografia para subsidiar a formação dos professores, entre outros⁴. Além disso, em uma pesquisa feita por Zucco *et al*⁵, através de uma revisão integrativa, evidenciou que a produção científica sobre educação para morte nas escolas é escassa, predominando estudos a nível de graduação, de forma mais específica para os cursos de Medicina e Enfermagem.

Assim, a escola se torna um ambiente rico em experiências para que as crianças e adolescentes construam amizades, lidem com perdas e ganhos, e enfrentem o inesperado, crescendo e se desenvolvendo nesse processo. Por que então, o tema da morte não se faz presente nesse ambiente? É possível o homem, enquanto ser histórico e cultural, não debater, questionar ou falar sobre a morte? Diante desse contexto, o presente ensaio teórico tem como objetivo discutir a importância da educação para a morte no ambiente escolar, buscando compreender os desafios e as possibilidades de se abordar essa temática tão complexa em um ambiente marcado pelo silenciamento.

MÉTODOS

A presente reflexão é elaborada como um ensaio teórico, uma abordagem metodológica que se destaca por seu caráter reflexivo e interpretativo. Ao contrário das metodologias científicas tradicionais, que priorizam a quantificação e a racionalidade, o ensaio valoriza os aspectos qualitativos dos fenômenos analisados⁵. Essa escolha metodológica justifica-se por sua capacidade de estimular a reflexão e interpretação do leitor. Como aponta Meneghetti⁵, em vez de oferecer respostas conclusivas, o ensaio incita questionamentos e *insights*, convidando o leitor a formar seu próprio entendimento. Assim, constitui um convite à reflexão profunda, onde as perguntas ganham mais importância que as respostas.

A metodologia escolhida permite uma reflexão crítica sobre a educação para a morte nas escolas, utilizando a natureza interpretativa do ensaio para explorar profundamente as dinâmicas sociais e emocionais relacionadas ao tema. O objetivo não é apenas compreender por que a morte é ausente nas práticas pedagógicas, mas também propor formas de integrá-la de maneira sensível e significativa. Essa reflexão visa inspirar ações e políticas que promovam um ambiente de aprendizagem acolhedor e consciente, capaz de abordar todos os aspectos da experiência humana. Ao incentivar diálogos honestos e empáticos, o ensaio busca romper o silêncio sobre a morte, fortalecendo o papel formativo da escola no desenvolvimento do indivíduo.

Essa proposta é fundamentada nas discussões sobre Educação para a Morte, desenvolvidas por Kovács⁴, principal referência na área. Sua obra sublinha a importância de incorporar a discussão sobre a morte em diversos ambientes sociais, enfatizando a relevância de iniciar esse diálogo no ambiente escolar, como um espaço primário de socialização e formação dos sujeitos. A educação para morte deve conter aspectos pedagógicos e emocionais, pois é um tema que atravessa a vida de todos, demandando compreensão e contato para que possamos enfrentá-lo de forma mais consciente.

RESULTADOS

Embora a vida e a morte sejam temas presentes na experiência infantil, muitos adultos evitam abordá-los, alegando querer protegê-los. Porém, a criança pode perceber essa ocultação, manifestando sintomas como alterações fisiológicas, dificuldade no sono e problemas nos relacionamentos sociais⁴. Speece e Brent reforçam essa ideia quando relatam que a maioria das crianças de 7 anos de sua pesquisa já compreende aspectos fundamentais da morte, como irreversibilidade, universalidade e não-funcionalidade. A relevância desta e de outras pesquisas sobre a compreensão da morte pelas crianças reside na conscientização sobre a importância de abordar o tema com elas, adaptando a linguagem e o conteúdo à sua capacidade de entendimento. Não se trata de esconder ou evitar o assunto, mas sim, de abordá-lo de forma compreensível para o mundo de cada criança.

Diferentemente da infância, onde as relações e experiências se concentram mais no núcleo familiar, a adolescência se apresenta como um período de intensas mudanças, um momento de grandes transformações e descobertas. É nessa etapa que o indivíduo direciona suas energias para a construção do mundo, investindo no desenvolvimento profissional, nos estudos e nos relacionamentos, buscando sua identidade e lugar na sociedade. Contudo, essa fase de desenvolvimento também é acompanhada por lutos simbólicos que demandam elaboração, como a perda do corpo infantil, da identidade de criança e a superação da imagem idealizada dos pais.

Ao mesmo tempo, paradoxalmente, observa-se um alto índice de mortalidade nesse público, com o suicídio figurando entre as principais causas. É nesse período que a dualidade vida e morte se torna mais evidente, pois, em busca dessas experiências transformadoras, muitos jovens arriscam suas vidas através do uso de drogas, direção em alta velocidade e outras condutas de risco⁴.

Segundo dados da OMS (Organização Mundial da Saúde)⁷ publicados no relatório “*Suicide worldwide in 2019*”, entre os jovens de 15 a 29 anos, o suicídio foi a quarta causa de morte depois de acidentes de trânsito, tuberculose e violência interpessoal. Outro dado importante, de um estudo recém-publicado na *The Lancet Regional Health*⁸, é que no período de 2011 a 2022, a taxa de suicídio entre jovens no Brasil apresentou um crescimento contínuo, com um aumento médio de 6% ao ano. No mesmo período, as notificações de autolesões na faixa etária de 10 a 24 anos apresentaram um crescimento ainda mais expressivo, com um aumento de 29% ao ano.

Diante desse contexto, surge algumas questões: por que a morte é um tema evitado nas conversas com crianças e adolescentes? Qual seria o argumento justificável para esse impasse? A quem atribuir a responsabilidade por essa dificuldade? Seriam os jovens que não reconhecem a necessidade de enfrentar essa realidade, ou os adultos, que também passaram pelas mesmas fases da vida, mas não receberam o preparo adequado? Assim, nos deparamos com um dilema comparável ao “do ovo ou da galinha”. A realidade é que a morte acompanha o ser humano desde o nascimento; contudo, ainda prevalece a ilusão de que, ao silenciá-la, podemos magicamente neutralizá-la. Essa estratégia, no entanto, se mostra danosa, pois impede que os jovens desenvolvam a resiliência emocional necessária para lidar com as perdas que, inevitavelmente, encontrarão ao longo da vida, dificultando a construção de uma visão mais saudável e realista sobre a vida e a morte.

DISCUSSÃO

A morte, embora seja um tema complexo, doloroso e delicado, é inevitável e permeia diversas dimensões da nossa existência. Através do aprendizado e da reflexão, podemos ressignificar experiências e construir novas narrativas. Nesse sentido, a implementação de políticas preventivas relacionadas à morte se torna fundamental. É preciso dialogar sobre a finitude antes que ela se apresente como experiência concreta.

Diante dessa necessidade, a escola se apresenta como um espaço estratégico. Para além de ser um ambiente de aquisição de conhecimentos formais, é fundamental na formação da cidadania, no fortalecimento de vínculos e na promoção de experiências significativas. Então, por que não integrar o tema da morte no ambiente escolar, fomentando discussões entre alunos e educadores, como parte de uma política preventiva? Ao abordar a morte de forma aberta e informada, a escola pode contribuir para a construção de uma sociedade mais preparada para lidar com a finitude, promovendo o desenvolvimento integral dos alunos e o bem-estar da comunidade escolar.

Assim, o ambiente escolar, como mediador de relações e afetos, e como um espaço que potencializa a criação e o compartilhamento de ideias que transcendem o conhecimento teórico, pode se tornar um poderoso aliado no contato com o tema da morte. Ao promover discussões abertas sobre a finitude da vida, a escola facilita a elaboração dos processos de luto e possibilita o amparo mútuo entre todos os seus membros: professores e alunos, alunos entre si e professores entre si. Em outras palavras, a escola pode criar um ambiente seguro e acolhedor onde a morte não seja um

tabu, mas sim um tema a ser explorado, compreendido e aceito como parte integrante da experiência humana.

Para que essa abordagem seja efetiva, Kovacs⁴ destaca ser fundamental investir na formação continuada dos educadores, oferecendo espaços de treinamento em serviço que abordem temas específicos, como: a comunicação com crianças enlutadas, a integração de alunos com doenças graves nas atividades escolares e o manejo de situações delicadas como o suicídio de um membro da comunidade escolar. Além disso, é importante oferecer assessoria contínua aos professores, auxiliando-os na criação de atividades pedagógicas sobre o tema da morte, no manejo de situações de luto vivenciadas por alunos, na indicação de bibliografias relevantes e na utilização de recursos audiovisuais para abordar o tema de forma sensível e educativa.

Além da formação continuada e assessoria aos educadores, outros recursos podem ser utilizados para enriquecer essa educação. Lopes e colaboradores⁹ destacam a importância de criar espaços de diálogo seguros, em que as pessoas compartilhem seus sentimentos e experiências em relação à morte. A utilização de atividades lúdicas, como jogos e brincadeiras, pode ser uma forma de abordar o tema de maneira leve e acessível, especialmente para as crianças menores. A promoção de debates e rodas de conversa sobre livros, filmes e outras obras que abordem a temática da morte também pode ser uma estratégia eficaz para estimular a reflexão e o compartilhamento de ideias.

Além disso, a realização de atividades artísticas, como a criação de desenhos, pinturas e esculturas, pode ser uma forma de expressão não verbal que permite aos alunos externalizar seus sentimentos em relação à morte. A combinação dessas diferentes ferramentas pode contribuir para que a educação para a morte se adapte às necessidades de cada indivíduo, permitindo que ela seja adaptada de acordo com a abertura emocional e o nível de entendimento de cada pessoa.

Durante a pesquisa ficou evidente que alguns fatores dificultam a implementação de uma política preventiva sobre a morte e seus desdobramentos no ambiente escolar, tornando-a “interdita”. Entre eles, a dinâmica familiar, que muitas vezes impede a discussão do tema com crianças e adolescentes; a formação insuficiente dos educadores, que não oferece o suporte necessário para lidarem com o tema; e a massificação da educação, que prioriza a reprodução de informações em detrimento de um ambiente reflexivo e criativo.

A pesquisa também revelou uma escassez de estudos científicos sobre educação para a morte nas escolas, com a maioria das publicações concentradas nas áreas de Medicina e Enfermagem. Essa lacuna demonstra a necessidade de mais pesquisas nas áreas da Educação e da Psicologia. Além disso, destaca-se a importância de criar espaços de educação para a morte como parte integrante da formação de professores, alunos e demais colaboradores da escola¹⁰.

Assim sendo, superar esses desafios e transformar a escola em um espaço de diálogo aberto sobre a morte exige um esforço conjunto e contínuo de toda a comunidade escolar, incluindo a gestão, os professores, os demais funcionários, os alunos e seus familiares. Portanto, é preciso desconstruir preconceitos, investir em formação e criar um ambiente de confiança e acolhimento onde a morte possa ser abordada de forma natural e construtiva. Ao fazer isso, a escola estará não apenas

preparando os alunos para lidar com a finitude, mas também promovendo o desenvolvimento de habilidades socioemocionais essenciais para a construção de uma vida significativa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A educação para a morte nas escolas revela um longo e sinuoso caminho a percorrer. A educação básica, alicerce de conhecimento teórico e formação cidadã, está despreparada para abordar a morte nas salas de aula e nas relações escolares. A falta desse diálogo essencial afeta a capacidade dos jovens de lidar com o luto, a perda e a finitude da vida. Então, para que a educação para a morte nas escolas se torne uma realidade tangível, é imperativo promover uma psicoeducação abrangente sobre o tema, desmistificando o tabu que o cerca, na sociedade contemporânea.

A fala traz libertação, enquanto o silêncio nunca impulsionou transformações sociais. A revolução, nesse sentido, começa com o inconformismo contra a inércia e a negação da morte. O medo de reconhecer nossa finitude deriva da busca por uma imortalidade ilusória, alimentada pela pressão de produzir e lucrar. É preciso compreender então, que a existência humana vai além dessa lógica e que discutir a morte é, em essência, discutir a vida.

Portanto, a morte não deve ser um tema interdito, mas sim um convite à reflexão e à ação. Ao promovermos discussões abertas e honestas sobre a finitude, capacitamos os alunos a construir um futuro mais significativo. Esperamos que este ensaio contribua para o despertar de uma nova consciência sobre a importância da educação para a morte nas escolas, incentivando a realização de pesquisas, a formação de educadores e a criação de espaços de diálogo e reflexão sobre este tema fundamental, para que, juntos, possamos construir uma sociedade mais preparada para lidar com a vida em sua totalidade.

REFERÊNCIAS

1. Ariés P. História da Morte no Ocidente: da Idade Média aos nossos dias. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; 2012.
2. Moreira BD. Participar com os jovens e adolescentes da experiência de aproximação com o mundo adulto: o desafio da Educação. Educação & Sociedade [Internet]. 2015 [citado 2025 Fev 5];36(133):1137-55. Disponível em: <https://dx.doi.org/10.1590/ES0101-7330201564973>.
3. Franco MHP. O luto no século 21: uma compreensão abrangente do fenômeno. São Paulo: Summus; 2021.
4. Kovacs MJ. Educação para a morte: quebrando paradigmas. Novo Hamburgo: Sinopsys Editora; 2021.
5. Meneghetti FK. O que é um ensaio-teórico?. Revista de Administração Contemporânea [Internet]. 2011 [citado 2025 Fev 5];15(2):320-32. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rac/a/4mNCY5D6rmRDPWXtrQQMyGN/?lang=pt>.
6. Speece MW, Brent SBS. Children's understanding of death. A review of three components of a death concept. Child Development. 1984;55(5):1671-86.

7. Organização Mundial de Saúde. Suicide worldwide in 2019: Global Health Estimates [Internet]. Geneva: WHO; 2021 [citado 2025 Fev 5]. Disponível em: <https://iris.who.int/bitstream/handle/10665/341728/9789240026643-eng.pdf?sequence=1>.
8. Alves FJO, Fialho E, Araújo JAP, Naslund JA, Barreto ML, Patel V, et al. The rising trends of self-harm in Brazil: an ecological analysis of notifications, hospitalisations, and mortality between 2011 and 2022. *The Lancet Regional Health - Americas* [Internet]. 2024 Fev [citado 2025 Fev 5];31:100691. Disponível em: [https://www.thelancet.com/journals/lanam/article/PIIS2667-193X\(24\)00018-8/fulltext](https://www.thelancet.com/journals/lanam/article/PIIS2667-193X(24)00018-8/fulltext).
9. Lopes FG, Paiva GS, Farias NF, Cassiano IS, Penha PS. Educação para morte: formação em tanatologia para atuação em saúde. *Cadernos ESP* [Internet]. 2022 [citado 2025 Fev 5];16(1):122-7. Disponível em: <https://cadernos.esp.ce.gov.br/index.php/cadernos/article/view/557>.
10. Zucco JVG, Souza TM, Hirdes A, Milani RG. Educação para morte nas escolas: uma revisão integrativa. *Contribuciones a Las Ciencias Sociales* [Internet]. 2024 [citado 2025 Fev 5];17(8):1-11. Disponível em: <https://ojs.revistacontribuciones.com/ojs/index.php/clcs/article/view/9031/5552>.